

Apanhei-te, bandolim!

Formado pelos instrumentistas Maik Oliveira e Rafael Esteves, o Banduo aproxima o choro da música de câmara no álbum 'Dobras'

AFFONSO NUNES

A participação em rodas e samba e pagode na periferia paulistana foi o ponto de partida de Maik Oliveira - criado em São Bernardo do Campo - Rafael Esteves, de Guarulhos. Os dois bandolinistas percorreram um longo caminho até chegar ao choro e, de lá, à música de câmara. O resultado desse trajeto improvável é o surpreendente "Dobras", álbum que o duo Banduo lança nas plataformas digitais nesta sexta-feira (27). O Correio ouviu antes essas dez faixas inéditas com propostas arrojadas para o instrumento.

O bandolim tem uma história antiga. Surgiu na Itália entre os séculos XVI e XVII como evolução do alaúde. Atravessou a Europa como instrumento de salão e serenata. Popular na fado português, chegou ao Brasil no século 19 e por muito tempo funcionou aqui como apoio ao estudo do violino, já que compartilham a mesma afinação. Foi preciso esperar o século 20 e a chegada de Jacob do Bandolim para que o ins-

trumento conquistasse linguagem e voz próprias, tornando-se uma das marcas mais características do nosso choro. Em "Dobras", Maik Oliveira e Rafael Esteves honram essa herança e se embrenham num território completamente novo.

O título do disco brinca com a natureza do projeto — um duo de bandolins, instrumento de cordas dobradas, com duas vozes que se entrelaçam em contraponto. São cinco compositores e cinco arranjadores, entre eles Edmilson Capelupi, Milton Mori, Marclio Lopes e Alisson Amador, que assina também a direção musical. A chegada de Amador, músico de formação clássica nascido em Heliópolis (SP), é parte essencial da história. O que começou como uma colaboração pontual (professor de rítmica do duo) evoluiu para a direção do álbum pela afinidade surgida entre os três.

O resultado é um disco em que o clássico conversa com o choro e vice-versa. A abertura, "Estudo em G Menor", de Rafael Esteves, nasce como exercício de técnica e ganhou segunda voz no arranjo de Milton Mori. Uma surpresa tonal no meio do caminho dá a medida



Rafael e Maik formam o Banduo, que lança 'Dobras', uma declaração de amor ao bandolim

do que Maik e Rafael tem a mostrar. "Manu", de Edmilson Capelupi, homenageia a filha de Maik em três partes bem definidas: acompanhamento, solo e equilíbrio final entre os dois bandolins num dueto sublime. Já a "Suíte Banduo", de Rafael Esteves, percorre três movimentos — uma valsa inspirada no joropo venezuelano, uma valsa-choro me-

lancólica e um choro vibrante de encerramento — revelando a versatilidade do duo.

"Portal Favela", de Alisson Amador, é a faixa mais simbólica do disco. Narra a história dos três músicos que atravessaram o "portal periférico" e celebram juntos na arte — uma declaração de pertencimento tão musical quanto biográfica. Já

"Conversa de Bandolins", de Milton Mori, foi a primeira música estudada pelo duo para o álbum. É uma declaração de amor ao instrumento. O disco fecha com "Não Foi Dessa Vez!", de Maik Oliveira — uma peça que nasceu para um festival, chegou tarde demais para se inscrever e permaneceu inédita até encontrar aqui seu lugar certo.

CRÍTICA DISCO | LUZ & PAULEIRA

POR AQUILES RIQUE REIS*

Hoje trataremos de "Luz & Pauleira - Volume 2" (Mills Records), de Moacyr Luz e Paulo Malaguti Pauleira, um EP com quatro faixas que reacende a profícua parceria dos dois craques. Eles têm ao todo quinze parcerias. Quatro delas foram lançadas em 2023 no EP Luz & Pauleira - Volume 1. Agora, o Volume 2 apresenta composições inéditas, reafirmando a vitalidade das músicas atuais e revigoradas que fazem.

A música dos dois parceiros sempre nasce refletindo a sabedoria legítima do carioca raiz, espalhado de Sul a Norte da cidade e por todo o Grande Rio. Rompendo fronteiras, ela alcança a brasilidade genuína de um povo que canta e trabalha pra sustentar as crianças, enquanto tenta ser feliz.

Enfim, um trabalho autoral que aprofunda o encontro entre os

dois compositores que conhecem como poucos o estado de espírito dos cariocas e a sua característica de adotar e acolher, sem distinção, todos os que vêm pro Rio viver. Vamos ao EP.

"Na Van Pro Lins" (Pauleira e Moa): o violão puxa o samba. A descrição dos bairros cariocas vem embalada em suingue puro. Pauleira está no teclado e no violão; Sidon Silva na percussão e Paulo Brandão no baixo elétrico e na programação. Couro come!

"Casa de Fim de Semana": a intro vem com um laialálá esperto. Pauleira sola, logo os dois cantam juntos. Pauleira está no teclado e no violão; Marcio Vanderlei no cavaco; Paulo Brandão na viola de

Parceiros de fé



cocho e na programação. Ao final, o trombone de Everson Moraes brilha.

"Não Vou Te Largar": apenas o violão de André Pinto Siqueira acompanha os parceiros que cantam a bela melodia. Meu Deus!

"Se Doer" (Pauleira e Moa):

Pauleira está no violão e no teclado, enquanto Paulo Brandão vem no baixo elétrico e na programação. E o samba em tom menor surge bonito pelas vozes de Moa e Pauleira.

Nada como este álbum para segurar a onda pós-carnavalesca e servir de senha para tudo voltar a rolar legal no trampo. Evoé!

Ficha técnica

Produção musical e arranjos: Paulo Malaguti Pauleira e Paulo Brandão; gravação, edição e mixagem: Paulo Brandão (Estúdio Brand); masterização: Carlos Mills.

PS. Tive acesso a informações (já publicadas no Google) que dão conta de atividades do Spotify que

incluem doações a Trump, bem como de subsídios a uma startup de IA usada para criar tecnologia de guerra que seleciona e destrói alvos humanos, inclusive. Música é vida, guerra é extinção! Diante disso, não usarei mais o Spotify. Reconheço que a decisão diminuirá o alcance da divulgação dos álbuns que comento, boa parte instrumental e independente. Afinal, o objetivo de minha coluna, publicada há décadas, é provar que existe, sim, música de ótima qualidade sendo feita atualmente no Brasil. Aproveito para sugerir a todos que busquem novas plataformas para ouvir e divulgar música. Avaliem e decidam pela que acharem que mais vale a pena consultar. De minha parte, repito, não citarei mais o nome de quem investe na necropolítica.

*Vocalista do MPB4 e escritor